

DA VALORAÇÃO INTRALINGUÍSTICA À TRANSPOSIÇÃO TRADUTÓRIA: UMA PERSPECTIVA BAKHTINIANA

Adail Sobral¹

1. Tradução, transposição, valoração

Nas últimas décadas, os estudos de tradução, sob a influência dos estudos culturais, de estudos do discurso e de perspectivas críticas sobre a globalização, deixaram de ter como foco específico procedimentos técnicos de tradução, ou operações tradutórias, no nível da língua e do texto em si, e passaram a considerar a atividade mais ampla de mediação entre culturas como o centro da transposição tradutória. Pode-se mesmo dizer que hoje se estuda tradução preponderantemente como atividade que cria conhecimentos ao tornar textos de uma dada cultura acessíveis a leitores de outras, com suas distintas valorações.

Antigas oposições como “deixar de lado o autor ou deixar de lado o leitor” (Scheleimacher), ou entre “estrangeirização” e “domesticação” (Venuti) etc. recebem hoje formulações que buscam atingir algum equilíbrio entre esses extremos, uma vez que estudos de traduções reais mostram não haver traduções bem-sucedidas absolutamente voltadas apenas para o autor ou para o leitor, mas, pelo contrário, que a tradução bem-sucedida é aquela que promove o encontro transcultural entre autor e leitor.

Meu ponto de partida para pensar a atividade de tradução é a teoria e análise dialógica de Bakhtin e o Círculo (cf. SOBRAL, 2009), que têm sido a base de minhas publicações a esse respeito. A partir disso, afirmo que, na atividade linguística em geral, a valoração intralinguística reflete as distintas posições dos participantes das interações. Pode-se mesmo dizer que quando duas pessoas dizem falar da mesma coisa, na verdade elas chegaram, na interação, a, por assim dizer, compatibilizar suas distintas valorações.

No campo da tradução, as valorações envolvidas transcendem o domínio intralinguístico (no sentido de espaço de valorações no âmbito de uma mesma língua) e alcançam o campo das relações entre culturas. A mediação entre culturas que a atividade de tradução realiza é o que denomino aqui transposição tradutória. Nessa atividade, como ocorre em toda atividade de produção de sentidos, há valoração, avaliação, da parte dos profissionais, no âmbito de sua cultura e de seu grupo social.

Toda tradução é, nesse sentido, uma interpretação legítima de um texto, escrito em uma dada língua e no âmbito de uma dada cultura, que gera sua transposição para um texto escrito em outra língua no âmbito de outra cultura. Logo,

¹ Tradutor (de e para português, francês, inglês e espanhol), professor-pesquisador (FURG/RS, Vice-Coordenador do GT Estudos Bakhtinianos da ANPOLL, Líder do Grupo LEAL – Laboratório de Estudos Avançados de Linguagens, UFPEL/RS, membro do NUTRA – Núcleo de Tradução da FURG/RS), autor, entre outras, das obras *A Filosofia Primeira de Bakhtin – Roteiro comentado* (Campinas: Mercado de Letras, 2019), *Do dialogismo ao gênero – as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin* (Campinas: Mercado de Letras, 2009), e *Dizer o “mesmo” a Outros – Ensaio sobre Tradução* (São Paulo: SBS, 2008), bem como de inúmeros artigos e ensaios, principalmente sobre Bakhtin e o Círculo. É um dos organizadores de *Conversas com Tradutores*, e autor do Posfácio do referido livro. Foi nosso convidado da IV Semana de Estudos de Tradução (UFRGS), tendo nos brindado com a palestra de encerramento do evento, retomada aqui em forma de artigo.

toda tradução envolve transculturalidade, entendida sumariamente como a interação, via linguagem, entre as culturas envolvidas na atividade tradutória.

A complexidade da interação tradutória advém do fato de essa atividade envolver, em vez de apenas um locutor tradutor e um interlocutor leitor, uma interlocução tradutor-autor e uma interlocução tradutor-leitor de que vem o discurso produzido. Dessa perspectiva, a transposição tradutória é uma complexa operação de mediação entre um autor (que se dirige a um dado leitor, de sua própria língua) e o público a que se destina a tradução (a que o autor não se dirige diretamente) nos termos das relações entre as duas línguas e duas culturas envolvidas.

A tarefa do tradutor tem sido reconhecida como uma atividade que, mais do que transpor palavras, frases e textos de uma língua para outra, o que é uma operação no nível da língua, transfere discursos do contexto de uma cultura para o contexto de outra cultura, o que se processa no nível do discurso e, em consequência, da linguagem em uso. O que especificamente faz um tradutor, que tem diante de si um discurso numa dada língua, vindo de uma dada cultura, a qual confere uma forma específica a esse discurso, e que, na qualidade de mediador entre culturas, precisa a partir dele instaurar sentidos em outra língua, mediante outro discurso que nasce em outra cultura?

O tradutor faz uma tríplice leitura. Essas leituras estão vinculadas com as 3 formas ideais de relação do sujeito com a cultura alheia. A primeira é uma leitura em que ele vê o sentido dos discursos apenas em termos da imersão na cultura ou no período histórico de que advém. A segunda é uma leitura na qual ele vê o sentido dos discursos abstraindo da cultura ou do período histórico de que surgiram, ou seja, no interior de sua própria cultura e de seu período histórico.

A terceira é a leitura propriamente tradutória, uma leitura exotópica em que o tradutor fica a meio caminho entre a cultura do texto de partida e a cultura do texto de chegada – texto que ainda não existe! Nesse tipo de leitura, vê-se/lê-se o sentido dos discursos levando em conta tanto a cultura e o período histórico de que surgiram como a cultura e o período histórico a partir dos quais se vê/lê e se traduz.

Assim, o desafio da tradução, o paradoxo dessa atividade, é o fato de precisar manter o “mesmo”, que é o dizer, o como foi dito, o querer dizer e o dito do texto de partida, mas alterá-lo a fim de criar sentidos em outra língua a partir de novas relações interativas. Uma atividade de alteração que não desrespeita esse dizer, o como foi dito, o querer dizer e o dito, mas o transpõe, recriando-o, em outra língua, considerando os modos próprios de dizer, de como dizer e de querer dizer dessa língua e da cultura que a constitui. Pretendo aqui explorar alguns aspectos dessa atividade discursiva transcultural.

2. Transculturalidade e Tradução

Transculturalidade é um conceito que a prática da tradução antecipou ao surgimento da palavra. Transculturalidade designa um contato entre culturas que supõe a passagem de uma cultura a outra(s), respeitando suas especificidades e integrando-as. Por que não “interculturalidade”? “Interculturalidade” supõe interação, mas também admite uma tensão entre língua fonte e língua alvo que alguns tentam resolver falando de fidelidade e infidelidade. Sustenta que as duas culturas

não podem ser postas em contato sem contraste e que esse contraste causa uma “perda” na tradução.

A preferência por transculturalidade vem do fato de esta também supor interação, mas superar essa tensão negativa, ao admitir que ela é criadora de sentidos no contato (tenso e impreciso) entre a língua alvo e a língua fonte. Sustenta que a tradução é um aceitar uma dada cultura “estrangeira” e “ir além” dela na busca do encontro com outra cultura, da qual parte e na qual se situa o tradutor. E vice-versa. A tradução como atividade transcultural lida permanentemente com a tensão entre “intersubjetividade” (os aspectos que aproximam duas culturas) e “alteridade” (os aspectos que distinguem essas duas culturas)

O “trans” de transculturalidade sustenta que o contraste, o conflito, a diferença, são parte intrínseca da interação, são enriquecedores, não motivo de perda de sentidos supostamente não traduzíveis. O contato altera a língua fonte e a língua alvo, e as enriquece, porque as faz ser vistas aos olhos uma da outra. A diferença produz mais sentido; a tensão cria possibilidades outras; o contraste torna visível o que se ocultava sob uma aparente familiaridade.

3. Cultura e objetivação/apropriação

Neste ponto, cabe definir alguns outros conceitos que permitam dotar de alguma clareza o ponto de vista defendido. O mundo que vemos é concreto e objetivo, no sentido de ter sua existência materialmente dada, por seu o mundo “que está aí”. Não obstante, ele não chega à consciência humana sem ser trans-figurado, figurado pela consciência em seu próprio âmbito, mas ao mesmo tempo para além dele, no plano da construção simbólica. Em consequência, o mundo humano mantém o mundo concreto, por definição, mas, por ser humano, não se restringe a ele. Não há assim um referente objetivo que estabeleça de uma vez por todas os sentidos que a linguagem atribui ao mundo concreto. O mundo da linguagem trans-forma o mundo concreto nos termos da cultura.

O mundo que a linguagem representa é, portanto, um mundo concreto-transfigurado; concreto porque é um mundo que está (fenomenologicamente) “aí”, diante de nós; transfigurado porque jamais chega à percepção sem uma *objetivação*, ou seja, sem uma elaboração atravessada pela avaliação social. E essa objetivação social ainda é alterada pela apropriação pessoal típica de cada falante.

Em *Dizer o “Mesmo” a Outros* (SOBRAL, 2008), tomei o exemplo de Babel, eternizada no célebre episódio da Torre de Babel, que segundo o relato bíblico deu início à existência de diversas línguas (e, portanto, à atividade de tradução). *Babil* foi o termo árabe original, e, no aramaico, havia duas palavras para designá-la: *babel*, que tem conotação positiva (portão do céu), e *balal*, que tem conotação negativa (confusão). Isso me fez especular:

- a. Terá *babel* sido derivada de *babil*, surgindo depois *balal* como “tradução” negativa sua, em oposição à concepção positiva que *babel* implicava?
- b. Terá *babel* sido simplesmente a primeira designação, sem influência de *babil*, vindo depois *balal* como sua contraparte negativa?

c. Terá *balal*, a designação que traz uma avaliação negativa, sido a primeira designação, e *babel* a “tradução” positiva ulterior de *balal/babil*?

Essa questão de Babel é um exemplo do dinamismo das línguas já nas designações de lugares, o que há de mais concreto (depois de dar nomes uns aos outros) para os seres humanos: dar nome ao espaço geográfico que habitam. Vemos que aquilo que alguns estudos linguísticos chamaram de “referente” não é propriamente algo dado, mas sempre uma construção avaliativa. Vemos aqui que os fatos e objetos do mundo não chegam ao ser humano imediatamente, mas mediados por uma construção que reflete sempre a posição de quem associa um objeto a uma palavra ou uma ideia com uma imagem acústica. E ainda assim o mundo concreto permanece como tal!

O fato de haver, como designação de um mesmo “referente”, duas palavras, tendo uma conotação positiva e outra negativa, mostra ainda que, a rigor, não existem sinônimos, mas distintas palavras com distintos pesos e avaliações. *Babel* e *balal*, de acordo com teorias gramaticais e da linguística anterior aos estudos discursivos e enunciativos, são sinônimos. Porque são sinônimas as palavras que têm “o mesmo significado que outra ou outras, ou significado semelhante ou aproximado”.²

Essas nossas duas palavras designam a mesma coisa, um mesmo lugar, concreto ou mítico, tendo assim o mesmo significado, ou um significado semelhante ou aproximado. Mas, na realidade, como uma tem valor positivo e, a outra, valor negativo, elas não podem ser sinônimas. Caímos assim no paradoxo do copo de água pela metade: ele está meio cheio ou meio vazio? Para além das palavras, sem, no entanto, descartá-las, o tradutor pensa em termos de *sentido*. Os sentidos mudam constantemente.

Por exemplo, havia há algum tempo (porque já há outras formas de dizer em ação) jovens que usavam “irado” com um sentido bem específico, que nada tem que ver com “irritado”: uma banda *irada* é uma excelente banda! “Sinistro” também foi usado por alguns jovens com o sentido de coisa muito positiva. Um comentário sobre filmes para adolescentes dizia “O *status quo* do *teen movie* atual é sinistro”. O comentarista que disse isso estava criticando a qualidade dos filmes. O adolescente pode entender que o comentarista está dizendo que os filmes são bem bons, porque, para ele, “sinistro” é coisa muito boa.³

Os significados de “irado” e “sinistro” que estão nos dicionários não mudaram, mas o sentido de “irado” e “sinistro” para os jovens é outro. Pode-se assim, como em *babel/balal*, mas com outro percurso, usar palavras negativas com sentido positivo, e vice-versa. Isso mostra que a tarefa do tradutor é perceber, nas três leituras de que falo, os sentidos criados no texto a traduzir a fim de transcriá-los em outro texto.

Logo, não há, desse ponto de vista dinâmico, “palavras culturais” em oposição a palavras “não culturais”: todas as palavras são culturais, todas vêm de uma cultura, ou melhor, dos vários ambientes culturais em que se dividem as culturas, ambientes nos quais elas se sustentam numa tensa relação criadora. A tradução é o lugar em que nascem palavras transculturais, palavras de uma cultura que vêm do contato com outra, ou melhor, palavras que servem a sentidos transculturais.

² Definição de sinónimo”, in *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/sin%C3%B3nimo> [consultado em 03-10-2015].

³ Cf., para o que sem a seguir, SOBRAL, 2008).

4. Tradução: atividade discursiva transcultural

Vemos assim, que a tradução é uma atividade discursiva e, portanto, social e histórica. Logo, culturalmente determinada: não há significados fixos, mas um modo de ver o mundo via linguagem, que varia entre culturas e mesmo no interior das culturas; assim como os sentidos, as culturas são dinâmicas. Traduzir é criar na língua alvo efeitos de sentido co-respondentes (= que respondem junto, ao lado de) aos da língua fonte, não equi-valentes (= de mesmo valor), precisamente porque as culturas são podem ser assimiladas umas às outras.

Buscar equivalências supõe uma concepção estática de língua; buscar co-respondências supõe uma concepção dinâmica, concepção que admite que todo dizer traz em si um juízo de valor; que não há palavras neutras, ou, retomando, que toda palavra é “cultural”, marcada por uma avaliação social e histórica, um compromisso de quem diz com a posição da qual diz.

Diante disso, pode-se dizer que a tradução é por definição transcultural. Linguagem e cultura se acham intrinsecamente ligadas, como mostra todo discurso. Traduzir é transfigurar sentidos, não mera translação no nível do código ou do texto. Traduzir é uma transfiguração de sentidos meta em sentidos alvo. A atividade de tradução expõe o fato de que aquele que se dedica ao ofício de traduzir faz uma mediação transcultural, uma transposição de sentidos, criando uma interação entre o autor do discurso fonte e interlocutores do discurso alvo a quem ele não pode dirigir-se em sua própria língua.

5. O objeto do tradutor é o discurso

O tradutor exprime em outra língua, nos termos de suas possibilidades expressivas, aquilo que é expresso de uma dada maneira numa primeira língua, levando em conta a correspondência entre os modos de expressão das duas línguas envolvidas. Isso implica que entender o que é expresso é entender, mais do que o texto ou o sentido das “palavras” e “frases” que compõem esse texto, tomados isoladamente, aquilo que o sujeito que produziu esse texto quer indicar sobre como se deve entender o que exprime -- afirmação, recusa, agressão, aceitação, ordem, obediência, brincadeira etc., no âmbito de uma dada cultura. Em outros termos, traduzem-se discursos, algo enunciado num aqui e agora por alguém, dirigido a alguém; o tradutor cria uma nova relação locutor-interlocutor.

Talvez se possa dizer que a tradução é por excelência, mais que um mitológico “entre-lugar”, um não lugar paradoxalmente situado: realizada a cavaleiro entre duas culturas, encontra sua materialidade num discurso na língua alvo que não é nem pode ser o “mesmo” que o da língua fonte, mas no qual este se faz presente. Traduzir cria assim uma espécie de contrapalavra amigável, uma versão em outra cultura do que é dito (e como é dito) em uma, um “entremeio” que cria diálogos entre discursos e entre culturas.

A tradução produz um discurso alvo que reconhece o discurso fonte como seu mais importante parâmetro, mas que, para reconhecê-lo, tem de transformá-lo – legitimamente. O discurso fonte nasce numa dada interação e o discurso alvo em outra interação. E a tradução é a atividade transcultural que cria essa segunda

interação e, assim, põe em contato duas interações, algo que amplia a rede de interlocução desencadeada pelo discurso fonte.

Cito aqui extensas passagens de um texto de minha autoria (SOBRAL, 2016) por julgar que ela resume boa parte do que venho dizendo sobre tradução há algum tempo:

(...) não existe uma relação mecânica entre um "contexto" e um "texto". A produção do discurso vem da ação de um sujeito em interação com ao menos outro sujeito, e o sujeito locutor é o mediador entre os sentidos socialmente possíveis (mesmo que não realizados) e os sentidos que são atualizados, manifestos, de acordo com as condições específicas da interação, que envolve os outros e o contexto mais amplo. Todo sujeito tem um dado projeto enunciativo (projeto de dizer, segundo Bakhtin) e um dado ponto de vista avaliativo, a que corresponde uma resposta ativa de ao menos outro sujeito, e essa resposta pode alterar a maneira de realizar esse projeto enunciativo.

O tradutor, em sua posição peculiar, percebe esses elementos no texto em inglês que traduz e se empenha em reconstituir os sentidos em português pensando em como realizar o encontro entre o projeto enunciativo do autor do texto de partida e a avaliação e recepção ativas desse projeto no contexto em que o livro é traduzido. Talvez tenha vindo disso duas afirmações minhas: não se traduzem textos, mas discursos, e traduzir é dizer o "mesmo" a outros.

Traduzir envolve (...).

- (1) entender a criação de sentidos na língua de partida;
- (2) perceber a que público o autor se dirige na língua de partida;
- (3) perceber que impacto tem a relação interlocutória específica entre autor e público de partida na criação de sentidos;
- (4) perceber de que modo o autor cria a arquitetônica, o todo estruturado, da obra a ser traduzida, a fim de recriá-la em outra língua;
- (5) (re)conhecer a cultura (no sentido amplo) de partida tanto do ponto de vista de sua especificidade como da perspectiva de alguém que não é parte dela, mas de outra cultura, ou seja, exotopicamente
- (6) entender a criação de sentidos na língua de chegada;
- (7) identificar o público a que o autor pode se dirigir na língua de chegada;
- (8) reconstituir o impacto na criação de sentidos na relação interlocutória entre o autor e um novo público a que ele não se dirigiu e a quem o tradutor tem de dirigir-se;
- (9) criar uma arquitetônica que, sendo fiel ao discurso a ser traduzido, produza efeitos que ele não poderia produzir no público-alvo da tradução, precisamente por usar uma língua/linguagem que não é a desse público-alvo.
- (10) voltar à sua própria cultura e, a partir das relações entre ela e a cultura do discurso de partida, criar outro espaço enunciativo — no interstício entre a convergência (o que há em comum) e a irredutibilidade (o que é específico) dos discursos e das culturas envolvidas. (SOBRAL, 2016, p. 29-30).

6. Traduzir é uma atividade transcultural de transposição de sentidos

O tradutor é, portanto, um mediador de interações entre usuários de duas línguas/culturas diferentes, e interfere necessariamente na tradução, como mediador-participante, sem com isso distorcer essa interação, a não ser que cometa um erro desastroso, algo de que não está livre e que é parte do processo, visto que ninguém é perfeito.

Cabe a ele entender os sentidos produzidos numa língua, considerando quem diz o quê, como, onde, quando e, principalmente, com que intenção e no âmbito de que cultura, e buscar fazer isso ser entendido em outra língua, levando em conta

quem diz o quê, como, onde, quando e, principalmente, com que intenção e no âmbito de que cultura. Ele tem igualmente de entender que o texto, escrito ou falado, é um recurso auxiliar do discurso; um texto pode significar várias coisas, a depender do discurso que o compõe, portanto, a depender de quem exprime o quê para quem em que situação.

O ato de tradução é um contato que envolve tanto o acordo como o confronto, uma “negociação” específica entre dois diferentes, ou duas diferenças. Há um diferente do qual se traduz e para esse diferente, a língua para a qual se traduz também é um diferente. O diferente a ser traduzido, apesar da globalização, ainda é local: um falante de uma dada língua dirige-se a seus pares. O diferente para o qual traduzimos requer que um falante de uma dada língua se dirija a seus pares e não aos pares do autor que ele traduz. Em outras palavras, traduzir é um dilema, um problema, mas um dilema e um problema, fascinantes, porque é preciso descobrir o “justo meio”, a expressão que diga ao mesmo tempo “esse texto é de um autor norte-americano” e “esse texto está escrito em português por um tradutor”, ou, simplesmente: “esta é uma tradução do inglês norte-americano para o português”!

O tradutor, portanto, não pode nem fazer desaparecer o diferente • que é o discurso na língua que não é a sua • nem o impor ao segundo diferente que é o discurso em sua língua, o discurso que nasce da tradução, outro discurso que pretende dizer o “mesmo”, só que a outras pessoas. Traduzir é lidar com as tensas inter-relações entre a alteridade irreduzível (lugar do “estranho”) e a intersubjetividade (lugar do “semelhante”) e criar, a partir disso, sentidos numa língua na qual o texto fonte não foi escrito.

Em suma, traduzir é uma atividade que envolve uma ação peculiar de *leitura* e *escritura*. O tradutor é o único profissional que lê o texto como interlocutor do autor e como autor dos novos interlocutores que são os leitores da tradução. Porque, como vimos, para traduzir o tradutor realiza operações específicas:

- a. vê o discurso fonte em sua inserção na cultura fonte;
- b. vê esse discurso do ponto de vista da cultura alvo para a qual vai transpô-lo; e
- c. , transpõe/transfigura esse discurso no âmbito da cultura alvo.

Os tradutores aplicam esforços a uma atividade que não tem somente o texto da língua de partida como sua fonte, mas todo o entrelaçamento entre culturas aí envolvido. Tudo é traduzível precisamente porque traduzir é criar na língua de chegada sentidos “co-respondentes” a sentidos da língua de partida, e não buscar equivalências entre palavras, que a rigor sequer existem, uma vez que cada palavra é valorada, vem de um recorte da realidade, social e histórico, e dado que as sociedades e línguas diferem entre si.

Assim, aquele que se dedica ao ofício de traduzir faz uma mediação entre culturas, uma trans-posição de sentidos, a criação de uma interação entre o autor e interlocutores a quem ele não podia dirigir-se em sua língua. A tradução é um ofício de instauração de sentidos que tem cunho essencialmente transcultural, dada a inegável relação entre língua(s) e cultura(s). Ao traduzir textos, o tradutor produz discursos em outra língua a partir de discursos escritos numa dada língua.

Referências

SOBRAL, A. *Dizer o mesmo a outros* – ensaios sobre tradução. São Paulo: SBS, 2008.

_____. *Do dialogismo ao gênero* – as bases do pensamento do Círculo de Bakhtin. Campinas: Mercado de Letras, 2009.

_____. Uma reflexão bakhtiniana sobre interlocução e linguagem. In: P. Rezende. (Org.). *Interfaces com a linguística: dialogando saberes*. 1ed.: Pedro & João Editores, 2016, v. 1, p. 13-42.

SOBRAL, A; GIACOMELLI, K. Das significações na língua ao sentido na linguagem: parâmetros para uma análise dialógica. *Linguagem em (Dis)curso-LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 2, p. 307-322, maio/ago. 2018.

_____. Observações didáticas sobre a análise dialógica do discurso - ADD. *Domínios de lingu@gem*, v. 10, p. 1076-1094, 2016.

_____. MFL em contexto: algumas questões / MPL in Context: Some Questions. *Bakhtiniana* - revista de estudos do discurso, v. 11, p. 154-173, 2016.

SOBRAL, A.; GONCALVES, J. C.; BRAMBILA, G. . Dialogia, linguística aplicada e tradução: uma entrevista com Adail Sobral, comentada por Jean Gonçalves. *PERcursos Linguísticos* (UFES), v. 7, p. 13-41, 2017.